

Aproximação do pensamento flusseriano com o receptor ativo nas redes sociais¹

Kleyton Jorge Canuto²

Klauber Jorge Canuto³

Univerisade Federal do Rio Grande do Norte

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo

O artigo representa uma revisão bibliográfica na tentativa de aproximação dos conceitos de Vilém Flusser sobre a comunicação e a ação social empreendida pelos movimentos sociais no ciberespaço. Os movimentos sociais utilizam a Internet como dispositivo de articulação frente as suas demandas e reivindicação, otimizando sua organização e articulação. Através de apropriações dos mais variados campos midiáticos da Internet, os movimentos sociais, entidades do terceiro setor e coletivos de variados gêneros estabelecem uma rede de comunicação interna e externa, na tentativa de uma aproximação com a sociedade e por consequência alargando para as redes o campo político. Porém, muito além da finalidade de informar, a rede cria uma possibilidade de congregar opiniões, gerar identidades e construir ações dialógicas e coletivas.

Palavras-chave

Vilém Flusser; Recepção ativa; Movimentos Sociais; Comunicação.

1. Ideias iniciais

Nos últimos anos, a Internet enquanto meio de comunicação, se consolidou como veículo de acompanhamento, produção e disseminação de informação, expandindo seu alcance a fronteiras antes não visitadas. Porém, muito além da finalidade de informar, a rede cria uma possibilidade de congregar opiniões, gerar identidades e construir ações dialógicas e coletivas.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Doutorando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: kleytonknuto@gmail.com

³ Bacharel em Educomunicação pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail:

Nesse contexto, os movimentos sociais enxergam a Internet como dispositivo de articulação frente as suas demandas e reivindicação, otimizando sua organização e articulação. Através de apropriações dos mais variados campos midiáticos da Internet, os movimentos sociais, entidades do terceiro setor e coletivos dos mais variados gêneros estabelecem uma rede de comunicação interna e externa, na tentativa de uma aproximação com a sociedade e por consequência alargando para as redes o campo político.

Buscamos nesse artigo fazer uma aproximação das teorias da comunicação que validam essas práticas sociais e políticas com o pensamento do teórico tcheco Vilém Flusser, no que diz respeito a sociedade, as mídias, a cibercultura e suas interrelações. Em seus escritos, Flusser elenca conceitos como cibernética e zero dimensionalidade, nos quais alçam o sentido humano a um novo plano e redefine seus campos de atuação prática e política, redimensionando a vivência cotidiana do real para a esfera virtual.

Em nosso estudo, primeiramente, buscamos uma confluência do conceito de telemática e a teoria da rede e tecido flusseriana com os princípios do ciberespaço e bios midiático e outros conceitos acerca da comunicação e informação, alinhando na perspectiva democrática. Em seguida, há uma discussão sobre a lógica das redes sociais e a atuação dos movimentos sociais, com contribuições de Flusser em consonância com outros autores. Por fim, é apresentada a metodologia do artigo e são desenvolvidas algumas considerações finais.

2. O ciberespaço enquanto espaço social democrático: conceitos gerais e contribuições flusserianas.

É inegável pensar a sociedade contemporânea sem a interferência do meio virtual, ou o chamado ciberespaço. A Internet, rede mundial de computadores, acaba por se tornar campo de práticas sociais, culturais e políticas de indivíduos e instituições, onde os seus dispositivos midiáticos – redes sociais, veículos de comunicação inseridos na rede, sites e portais – funcionam como válvulas mediadoras do discurso e acabam por influenciar na formação cultural do indivíduo.

O ciberespaço – também denominado como rede, para o teórico francês Pierre Lévy é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (LÉVY, 1999, p.17) ” e este meio é possuidor de dispositivos midiáticos, aos quais podemos aproximar ao conceito de *gadgets* telemáticos trabalhado por Flusser (1986b).

Estes *gadgets* se configuram como áreas onde desembocam informações num fluxo contínuo, onde a depender de sua estrutura, suas entradas e saídas (*inputs* e *outputs*) permitem o fluxo dialógico, alçando o receptor a uma condição ativa, promovendo espaços de comunicação (PASQUALI, 2006).

A necessidade de se considerar a comunicação como um passo além da informação se faz necessária para a construção de um espaço democrático na sociedade. Para Pasquali (2005), embora muitas vezes confunda-se comunicação e informação, os dois termos possuem significados diferentes. *Comunicar* respeita o pressuposto de uma relação/diálogo, onde impera a reciprocidade instantânea entre as partes, no caso, o receptor/transmissor, criando um diálogo horizontal onde a oportunidade de recíproca é considerada, alçando os atores a um mesmo papel e fomentando um consenso. Já *informar* se baseia em uma relação mais vertical do que horizontal, gerando desequilíbrio no fluxo dialógico e uma predominância da subordinação de um meio sobre outro.

Sendo assim, muito embora um processo não exclua o outro, comunicação e informação se distinguem na medida em que o primeiro se firma como um processo de interação bilateral, propositivo e participativo, enquanto o segundo se qualifica como um processo de transmissão uníssona, desequilibrado e contraria ao diálogo determinado, que constrói a mensagem informativa em algo parcialmente ou totalmente inquestionável do ponto de vista do receptor (idem, p.28).

Flusser aqui nos auxilia na compreensão dos termos e seu emprego no contexto sociopolítico, quando sugere a diferenciação do discurso enquanto elemento da informação com o diálogo dentro da lógica comunicativa, de modo que prevaleça o uso do diálogo como forma democrática. Com isso, Flusser afirma:

Se identificarmos discurso com totalitarismo e diálogo como democracia, a telemática abre horizontes para a sociedade cósmica democrática [...] Isto é uma das virtualidades atualmente abertas, e depende da nossa capacidade crítica para que seja realizada. A outra é o estabelecimento definitivo da sociedade informática totalitária, centralmente programada, com receptores em solidão passiva e massificada de apertadores de teclas. Por certo, o futuro será algo entre tais dois extremos. Mas agora é o momento de engajarmo-nos para evitar o estabelecimento do totalitarismo (FLUSSER, 1986b, p.4).

Isso nos implica interpretar, que para Flusser, se faz valer o aproveitamento do espaço virtual no sentido comunicacional dialógico, onde o tecido (a rede) funciona num fluxo de muitos para muitos, concernindo o indivíduo (nó) a outras vivências, de cunho coletivo, otimizando um acréscimo no campo cultural, que por sua vez preservará a memória ante a lógica informacional da informação, que define o dispositivo como armazenador (FLUSSER, 1978, p.1). Para ele:

Na cibernética é a memória que armazém de informações, portanto sistema artificialmente elaborado, simulará memórias humanas, e as ultrapassará em vários aspectos [...] se “homem” e “sociedade” são imaginadas enquanto memórias, (parciais e totais), o problema do armazenamento e da produção de informação passa a ser o problema existencial mesmo (idem, 1978) .

Mesmo que tal discussão elaborada por Flusser esteja voltando para um contexto semiótico, podemos entender que as memórias inseridas no tecido como ‘memórias parciais’, pertencentes aos indivíduos. No entanto, essa parcialidade pressupõe que as informações atinjam outros níveis para não cair no efêmero. Nesse sentido, isso pode ser alcançado rompendo a lógica da informação e indo em direção à lógica da comunicação, onde possibilita ocorrer trocas, compartilhamentos e remodelação da finalidade do meio.

Dentro das possibilidades de comunicação e recepção de informação, isso acarreta uma influência no indivíduo usuário nas tecnologias, de modo que altere comportamentos, reconfigure e crie identidades, remodelando seu *habitus*, no sentido que Muniz Sodré emprega, dentro do contexto do ‘*bios midiático*’, onde as relações sociais designam comunidade na ideia de compartilhamento, troca, ao que pode se pertence a todos (SODRÉ, 2006).

No contexto do *bios* midiática, gera-se uma nova vivência, vinculada ao plano virtual, criando formas de relações sociais – o *habitus*. Da maneira que através das práticas dos movimentos alteram a finalidade da rede, que gradativamente sai da dimensão *societal* – controladas e impulsionadas pelo Estado e as organizações empresariais e atinge uma dimensão *sociável*, operando de baixo para cima, partindo do princípio de reciprocidade (idem, 2009, p. 238).

Flusser, em seus estudos aponta para o uso das novas tecnologias digitais como elementos inerentes a cultura humana pós-moderna ocidental. A necessidade da comunicação como elemento político se faz presente na sociedade, e para Flusser é algo da natureza política humana (HANKE, 2012). Uma natureza dita simbólica e transmitida através de códigos.

No pensamento flusseriano, estes códigos são “sistemas simbólicos, isto é: sistemas que consistem de elementos que representam (substituem) algo (FLUSSER, 1986)”. Possuem estrutura, por sua competência indicam seu significado e são resultados de uma conveniência mais ou menos consciente entre os indivíduos (idem, p. 5).

No contexto da cibercultura, e aproximando da proposta de tecido de Flusser, os códigos que são próprios do meio são detentores de ideologia e significado. Isto quer dizer que as vias de informação e os dispositivos midiáticos possuem uma conotação ideológica própria que irá incidir no indivíduo, pois a estrutura irá incidir efeito na mensagem, de modo que os fios (as vias de informação e mensagem) influenciam nos nós, que são os indivíduos, de modo que:

Vivenciamos o mundo, conhecemos o mundo e agimos nele dentro das estruturas que nos são impostas pelos códigos que nos informam. A importância do problema não pode ser exagerada nem existencialmente, nem epistemologicamente, nem politicamente (FLUSSER, p.10, 1986).

Cabe aqui se ater a natureza política disto. Entendendo que a mensagem é dotada de sentidos – e daí existe até uma aproximação com McLuhan – denotativos e conotativos. No primeiro caso, a mensagem é fechada, enquanto no segundo está aberta (idem, p.8). Em se tratando de ciberespaço, as informações de programadores tendem a serem fechadas, enquanto os conteúdos gerados pela sociedade são abertos. Quando tendemos a discutir a produção do conteúdo dos movimentos sociais, as mensagens possuem potencialidades de construir uma nova informação, debatida, colaborada e compartilhada.

O código da mensagem não está imposto, está aberto e livre de circulação, criando novas relações entre o receptor e o código. Este tipo de relação, próprio do agir dos movimentos diferencia-se do modelo hegemônico da informação técnica, que se caracteriza por uma verticalização, controlada, direcionada e objetivada.

Este procedimento de circulação livre do código pode se enquadrar no que o teórico britânico de origem jamaicana Stuart Hall designa nas modalidades de código negociado e

de oposição. Embora seus estudos de Hall estejam direcionados a televisão, podemos emprega-los nas mídias digitais e seus dispositivos. Hall define como código negociado aquele que:

Contém uma mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado) faz suas próprias regras – funciona como exceções à regra (HALL, 2003, p.401).

Enquanto o código de oposição é definido quando os significados e as decodificações são vistos de maneira contestatória, mesmo que parte inicialmente do procedimento negociado. É neste campo onde se trava a luta no discurso, advindo do receptor (idem, p.402).

O receptor ativo também irá interferir e colaborar na experiência social e será um agente ativo. Estará ele reterritorializando o espaço virtual, dando uma nova forma ao grupo de maneira que, criam-se códigos de grupos, classes, culturas e afins, estabelecendo um pertencimento e uso de símbolos e linguagem próprios de uma comunidade (PROSS, 1990, p. 162).

Mesmo assim, a Internet, sendo um sistema de informação, trabalhada por um fluxo de informação não-linear e códigos binários, e sua base de codificação e decodificação permite uma não diferenciação entre informação e seleção de maneira prévia (MARCONDES FILHO, 2004). Isso implica dizer que o uso dos dispositivos midiáticos dispostos na rede podem se reterritorializar do seu propósito inicial (MARTÍN-BARBERO apud ROSÁRIO, 2011), se bem desejar seu usuário. A própria arquitetura virtual é passível dessa reterritorialização através dos *softwares livre*, e *open source*, onde cada usuário tem o livre direito de modificar o produto. O mesmo pode-se dizer dos sites colaborativos, onde o conteúdo gerado e produzido é continuamente reformulado e acrescentado pelos usuários, constituindo uma natureza cultural dotada de multiplicidades e de caráter heterogêneo, próprio do meio.

3. Redes sociais e a ação dos movimentos sociais no ciberespaço.

Neste ponto, primeiramente se faz necessário uma definição de movimentos sociais. Segundo Regina Festa:

“Os movimentos sociais não ocorrem por acaso. Eles têm origem nas contradições sociais que levam parcelas ou toda população a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe de poder, e postulam novos espaços sociais, ora através de confrontação ora por participação (FESTA, 1986, p. 11-13)”.

Contextualizando os movimentos sociais com a Internet nas ações contemporâneas, Manuel Castells adenda o pensamento de Festa, afirmando que:

Os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam à transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet [...] Ela se ajusta as características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esse movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada (CASTELLS, 2003, p.114-115).

Esse potencial da Internet como ferramenta de operação e debate, troca informativa e aproximação de identidades é elucidado por Moraes, onde “redes distinguem-se como sistemas organizacionais com estruturas flexíveis e colaborativas baseadas em afinidades, objetivos e temáticas comuns entre os integrantes, a partir da regra ou modalidade de convívio compartilhado (MORAES, 2008, p. 43)”.

Entendendo o processo da ação e interação das mídias com os movimentos, sabe-se que a ordem ocorre por meio de dispositivos midiáticos. Entende-se aqui por dispositivo através da definição de Maurice Mouillaud, que o define como “lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os ‘textos’ (MOUILLAUD, 2002, p. 34-35)”. O autor denomina texto quaisquer formas de inscrição, sejam elas de linguagem, icônica, sonora, gestual, etc. Possui uma forma específica qual a caracteriza a estrutura no espaço e tempo e funcionam como matrizes (muito mais que suportes) dotadas de finalidades e sentidos, além de pertencerem a lugares institucionais (idem, 2002).

A rede comporta uma diversidade de dispositivos, dentre os quais destacamos as redes sociais. Apesar de serem de propriedade privada, são abertas ao público e se distinguem pela sua finalidade. São midiáticos porque inferem nos processos de informação e trabalham na ordem da mediação (SODRÉ, 2009), neste caso por computador.

Se relacionarmos com a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, o meio virtual atua como sistema social, e como meio possui características de difusão e interferem no

comportamento individual, porém considera-se a complexidade do sistema social, devido a sua grande pluralidade, composto por subsistemas. O autor alemão afirma que “todo sistema representa a transformação da improbabilidade da comunicação em probabilidade (LUHMANN, 2006, p. 51)”, e deve-se considerar a inter-relação entre as técnicas de difusão e as possibilidades de êxito da comunicação como elementos a serem considerados na transformação. Isto implica reforça a ideia de interferência do meio na sociedade, assim como na sociedade no meio, gerando sempre algo novo.

Por seu turno, dentro desta lógica de sistemas, Gabriel Cohn considera a comunicação como um “processo expansivo e voltado para inclusão de novos elementos significativos, ao passo que a informação é um processo seletivo, voltado para exclusão de elementos definidos como insignificantes (COHN, 2001, p. 43)”. O autor entende que não são a transmissão e a recepção de conteúdos os alvos desse ponto de vista, mas sim a geração de formas (idem, 2001).

Isso quer dizer que os movimentos, ao se redimensionarem com espaço virtual, o faz com emprego seletivo, já que geralmente possui um público-alvo, uma política de atuação específica e uma determinada finalidade, e isso que vai também criar uma seletividade no usuário, que está escolhendo a informação desejada. No entanto, ao ter aberturas e possibilidades de interação, colaboração, o processo passa de uma mera disseminação de informação para uma comunicação, gerando outra forma, acrescida e acumulativa ao invés de seletiva, podendo acarretar uma nova vivência social. No entanto, as práticas sociais do plano real não são excluídas, mas também sofrem modificações na sua forma. Ante a objetividade técnica da rede, isto pode gerar a ideia ambígua de desabrigo e pertencimento (HEIDDEGER, 2001) do indivíduo nela inserido.

A característica transformadora também encontrará respaldo em Flusser, onde a plataforma virtual – denominada de cena – irá se configurar como extensão do sujeito no meio. Nesse caso, os movimentos sociais reconfiguram seus campos de batalha e arena de debate, criando outros espaços para a difusão ideológica (FLUSSER, 2008, p.17-18).

Sendo assim, as atividades no plano virtual irão fluir para o contexto social, ou como Debray denomina de *socius*, que possui um destino territorial, organizado e dependente de seus meios de locomoção e mobilização. Debray considera a dialética suporte/relações, constitui o ponto nevrálgico do esquema de interação, onde é “impossível

tratar separadamente a instância comunitária do dispositivo de comunicação, uma sociabilidade de uma tecnicidade (DEBRAY, 2000, p.35)”.

No nosso caso, as redes sociais são customizadas para fins comunitários, embora específicos, e o emprego técnico das suas interfaces acabam por interferir na sociabilidade, moldando-a. no entanto, as formas pelas quais as comunidades se apropriam dos dispositivos, dando novas finalidades também moldam os dispositivos, como por exemplo, o *facebook*, que a partir do crescimento do número de grupos e comunidades, criou mecanismos próprios a eles, como porta-arquivos, espaço de fórum reservado, agenda, etc, agregando elementos que antes eram próprios das listas de discussão por e-mail, familiarizando os usuários habituados com tais práticas.

Estas novas formas são determinadas à medida que o princípio de apropriação é evidenciado. Entendemos como apropriação uma ação instrumentalizada voltada a um interesse do determinado grupo, abnegando seu sentido original, ou como ilustra Lacerda e Maziviero, aquilo que é da ordem de uso. Segundo Lacerda e Maziviero:

Assim, há uma trama, ligação, pacto, tensões e disputas entre aquilo que é da *ordem de uso* – o que é proposto, embutido, pré-determinado, codificado e estabelecido como finalidade dos produtos midiáticos, textos, mensagens [...] e tecnologias da informação e comunicação – e o que é da *(des)ordem da apropriação* – formas de uso marginal, margens de manobra, astúcias, bricolagens, maneiras de empregar, formas desviantes, palimpsestos, etc (LACERDA & MAZIVIERO, 2011, p. 7).

Associa-se este conceito ao que Eliseo Verón chama de *contrato social*, onde a “noção de ‘contrato’ enfatiza as condições de construção do vínculo que no tempo uma mídia e os seus ‘consumidores’ (VERÓN, 2004, p.275)”. Porém, nesse contrato há uma necessidade de se preservam a complexidade e heterogeneidade dos receptores. Isso remete a uma abertura da mídia a apropriação que cada indivíduo faz dela. No caso da relação movimentos/redes sociais digitais, abertura do seu uso e apropriação ocorre na garantia e preservação ao pluralismo que concerne aos movimentos. Do ponto social e político, associamos esta postura ao sentido democrático que está na própria verve dos movimentos. Em relação a isso, cabe a assertiva de Verón em que nos diz que:

É imperativo para a preservação do sistema democrático, assegurar que as lógicas que presidem a evolução-transformação das representações sociais no seio da sociedade civil continuem heterogêneas em relação à lógica de consumo, não sejam redutíveis aos mecanismos de concorrência econômica (VERÓN, 2004, p.282).

Dessa forma, os modos de apropriação das mídias na recepção permanecerão heterogêneos e diversificados, ocorrendo deslocamentos das lógicas da economia de mercado e de ação na sociocultural dos receptores (idem, 2004).

Sodré nos permite afirmar que a relação desse contexto social entre os movimentos e a sociedade nasce à ideia de vinculação, que para ele, é “muito mais do que um mero processo interativo, porque pressupõe a inserção social e existencial do indivíduo desde dimensão imaginária [...] até as deliberações frente às orientações práticas de conduta, isto é, aos valores (idem, 2006, p.93)”. Isso resvala na constituição do caráter público da informação e da prática social dos movimentos sociais, pois “forma-se modos de organização da cidadania e de auto-representação da sociedade, nos modos como ela deseja perceber-se e se tornar visível (idem, p. 95)”.

Sendo assim, ocorre uma *reterritorialização* do espaço virtual enquanto meio, bem como reconfigura o papel da mídia na construção social dotada de um sentido sociável. Martín-Barbero emprega o termo de *socialidade*, considerando que a sociedade é fragmentada e possui uma expressão múltipla dos atores sociais que gera modos de relacionar-se com a comunicação, apropriando-se dela e de seus dispositivos, construindo produtos sociais cotidianamente (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.59).

Sendo assim, retomando o pensamento de Flusser sobre discurso e diálogo, ele atenta que “o processo da comunicação como um todo é caracterizado por fases dialógicas produtivas de informação, e fases discursivas conservadoras e propagadoras da informação disponível. Tal tese formularia, pois, uma espécie de dinâmica comunicológica da cultura (1986, p.13)”. No contexto da cibercultura, essa assertiva nos remete a entender que o meio funciona de maneira satisfatória quando consegue equilibrar seu fluxo de informação – permitindo disponibilidade da mesma – com o fluxo dialógico na produção de conteúdo, que viria a gerar uma nova informação, advinda de síntese e por sua vez possuidora de um caráter transformador.

No caso dos movimentos sociais, essa informação está dotada de preceitos ideológicos e se utiliza do meio (redes sociais) para o sua disseminação e compartilhamento. Esta prática política e social está, para Flusser, dentro dos preceitos do dever da teoria da comunicação, que é “analisar as mensagens dos canais de massa para mostrar que as mensagens aparentemente epistemológicas e estéticas por eles transmitidas [...] são na realidade ideológicas (idem, 1986, p.12)”.

4. Metodologia

A metodologia deste artigo pautou-se em uma pesquisa exploratória sobre o tema. Inicialmente, buscou uma revisão bibliográfica na obra de Vilém Flusser, trabalhadas na disciplina Vilém Flusser: Mídia, Comunicação e Cultura, cadeira lecionada pelo Prof. Dr. Michael Hanke. Nesta etapa, empreendemos uma aproximação do pensamento de Flusser e seus apontamentos no contexto da influência dos meios na sociedade. Também buscamos o auxílio de outros autores no intuito de legitimar o pensamento de Flusser e alça-lo ao contexto contemporâneo, criando elos na teoria social da comunicação e Flusser nos seus conceitos de sociedade frente à mídia.

O trabalho recorreu ainda às colaborações advindas discussões em sala de aula, nos seminários apresentados e nas orientações e observações do docente durante as aulas da disciplina. Ele é um recorte da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado em Estudos da Mídia da UFRN, na linha de práticas sociais.

5. Considerações finais

Através desta reflexão teórica, podemos observar que mesmo enfocando na perspectiva semiótica, o pensamento de Flusser se atina as questões sociais no que tange a entender os códigos como elementos construtores de ideologias e discursos. Aproximando sua teoria dos conceitos empregados por outros autores, é perceptível a crença de um receptor ativo, dotado de intencionalidade e capaz de interferir no meio, participando da construção sociocultural dentro do ciberespaço.

Visionário nas suas concepções, Vilém Flusser possui um pensamento, que de maneira transversal, reconhece o potencial das novas mídias como espaços de construção

social, na medida em que se possa preservar a influência do meio sobre o indivíduo sua ação sobre este, fugindo do isolamento e negando a lógica vertical da informação, cujo caminho aponta para um discurso totalitário. Os movimentos sociais e seu uso da rede, pode se caracterizar como uma prova deste discurso contra-hegemônico, embora opere dentro da lógica do sistema.

Tentamos empreender estas aproximações. Sabemos da dificuldade das relações postuladas do discurso flusseriano e a ação social nas redes. Temos a ciência que esta é uma abordagem preliminar, mas de certa forma contribuiu para o nosso projeto de dissertação.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COHN, Gabriel. **O campo da comunicação**. IN: FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrrel. O campo da comunicação: caracterização, problematização e perspectivas. João Pessoa: Editora UFPB, 2001, p. 41-49.

FESTA, Regina. **Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa**. In: FESTA, R.; LINS DA SILVA, C. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FLUSSER, Vilém. **A perda da fé**. Manuscrito não publicado. Arquivo Flusser, Berlim, 1978.

FLUSSER, Vilém. **A sociedade pós-industrial**. Manuscrito não publicado. Arquivo Flusser, Berlim, 1979.

FLUSSER, Vilém. Abstrair (cap. 1); Imaginar (cap. 4). In: _____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008, p. 13-20; 37-44.

FLUSSER, Vilém. **Códigos**. Manuscrito não publicado. Arquivo Flusser, Berlim, [1986-1987].

FLUSSER, Vilém. **Reflexões televisionárias**. (Discurso, diálogo) Manuscrito não publicado. Arquivo Flusser, Berlim, [19--].

FLUSSER, Vilém. **Texto/Imagem enquanto dinâmica do Ocidente**. (Para “Cadernos Rioarte”). Publicado em Cadernos Rioarte, ano II, n. 5, 1986, p. 64-68.

GOFFMAN, Erving. **Marcos de referencia primarios**. In: _____. Frame Analysis: los marcos de la experiencia. Madrid: Siglo XXI, 2006, p. 23-42.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HANKE, Michael. **A Semiótica de Flusser**. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1353-1.pdf>

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

INNIS, Harold. **O viés da comunicação**. IN: _____. O Viés da Comunicação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 103-133.

LACERDA, Juciano Sousa; MAZIVIERO, Helena. **Pesquisa da pesquisa sobre usos e apropriações das TIC's: um balanço aquém das expectativas**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: **Quem tem medo da pesquisa empírica**. São Paulo: Intercom/Adaltech, 2011. v.1. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2376-1.pdf> Acessado em 30 de maio de 2012

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. IN: _____. A improbabilidade da comunicação. 4a. ed. Lisboa: Ed. Vega, 2006, p. 39-62.

MARCONDES FILHO, Ciro. O escavador de silêncios. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: SOUSA, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: USP Brasiliense, 1995, p. 39-68.

ROSÁRIO, Nísia Martins do . **Da metodologia transformadora às transformações na pesquisa**. In: A. Efendy Maldonado Gómez de la Torre, Virgínia Sá Barreto; Juciano de Sousa Lacerda. (Org.). Comunicação, educação e cidadania: saberes e vivências em. JoãoPessoa, Natal: Editora da UFPB, Editora da UFRN, 2011, v. , p. 123-142;

MOUILLAUD, Maurice. **Da forma ao sentido**. In: PORTO, Sérgio D.; MOUILLAUD, Maurice (orgs.). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: UNB, 2002, p. 29-35.

PASQUALI, A. **Um breve glossário descritivo sobre comunicação e informação.** In MARQUES DE MELO, J.; SATHLER, L. **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação.** São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

PROSS, Harry. **La clasificación de los medios.** In: PROSS, Harry; BETH, Hanno. **Introducción a la ciencia de la comunicación.** Barcelona: Anthropos, 1990, p. 158-178.

SCOLARI, Carlos A. **Hipermediaciones (o cómo estudiar la comunicación sin quedar embobados frente a la última tecnología de California)** - Entrevista a Damián Fraticelli. Revista Lis - Letra Imagen Sonido - Ciudad mediatizada. Año III 5. mar-Jun. 2010. Bs. as. uBaCyt. Cs. de La ComuniCaCión. FCs/uBa, p. 3-11.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido.** Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006.